



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

ARNALDO RODRIGUES DA SILVA

O OFÍCIO DO HISTORIADOR: Caminhos da modernidade a pós-modernidade

SÃO BERNARDO
2022

ARNALDO RODRIGUES DA SILVA

O OFÍCIO DO HISTORIADOR: caminhos da modernidade a pós-modernidade

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Ciências Humanas, habilitação em Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/campus São Bernardo, como requisito final para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof. Dra. Alina Silva Sousa de Miranda

SÃO BERNARDO
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Arnaldo Rodrigues Da.

O ofício do historiador : principais mudanças da modernidade a pós-modernidade / Arnaldo Rodrigues Da Silva. - 2022.

45 f.

Orientador(a): Alina Silva Sousa de Miranda.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2022.

1. Modernidade. 2. Ofício do historiador. 3. Pós-Modernidade. 4. Teoria da História. I. Miranda, Alina Silva Sousa de. II. Título.

ARNALDO RODRIGUES DA SILVA

O OFÍCIO DO HISTORIADOR: caminhos da modernidade a pós-modernidade

Monografia apresentada ao curso de licenciatura em Ciências Humanas, habilitação em Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/campus São Bernardo, como requisito final para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof. Dra. Alina Silva Sousa de Miranda

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Alina Silva Sousa de Miranda (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Tedson Mayckell Braga Teixeira
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho a Deus por ter me dado o dom da vida e sempre estar ao meu lado me sustentando com sua graça e misericórdia, aos meus pais Edivaldo e Maria dos Milagres por sempre me dar o apoio e força e nunca me deixarem desistir dos meus objetivos e me amar incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente a Deus por sempre ser minha força e minha inspiração a nunca desistir, agradeço a Deus por todo cuidado comigo pois ele me levou a todos os lugares que eu conquistei e que irei conquistar, as leituras através da Bíblia Sagrada foram essenciais para o meu pleno desenvolvimento social a enxergar o lado bom das pessoas e ser uma pessoa melhor. Agradeço aos meus pais Edivaldo e Milagres, por me incentivarem desde minha infância a procurar o caminho da educação e sempre me colocar nesse caminho, por sempre me dar o apoio financeiro desde o ciclo da Educação Básica até o Ensino superior, obrigado meus pais principalmente pelo apoio emocional durante a graduação por toda motivação em períodos sombrios que o cansaço falava mais alto juntamente com a vontade de desistir e principalmente por suas orações.

A vida sem amigos é um vazio e é graças aos meus amigos que eu cheguei até aqui. Eu agradeço aos meus amigos de lutas diárias Daniel Silva, Leticia Costa, Marielle Santos e Poliana Cruz pelos quatro anos de graduação por todas as colaborações, por todos seminários e atividades em grupos, por todas as vivências, desde os dias que saímos de Santana no período da tarde no sol quente muitas vezes até na chuva para chegar na UFMA, esses momentos bons e de desafios vão ficar eternizados em minha memória.

Agradeço à minha amiga de Graduação Francisca Maria Ramos que virou minha amiga que vou levar para a vida por toda ajuda no período pandêmico foi essencial para estreitarmos laços, obrigado por toda ajuda nos trabalhos e atividades e sua prontidão em sempre me ajudar.

Um agradecimento especial à minha orientadora Alina Miranda por me aguentar desde as primeiras semanas de agosto de 2018 quando iniciei minha graduação, foi uma honra participar do seu grupo de estudo/pesquisa, obrigado por todos ensinamentos e dedicação a pesquisa acadêmica você é uma inspiração de como ser um bom profissional, sua ética com a profissão é louvável

Um agradecimento a todos que contribuíram de forma direta ou indireta e que sempre torceram pelo meu sucesso e que eu não os citei vocês foram essenciais na minha trajetória. Muito obrigado!

*“Historiador não é o que sabe, mas o que
procura”
(Lucien Febvre)*

RESUMO

Este presente trabalho tem como objetivo mostrar as mudanças do ofício do historiador, desde sua consolidação como disciplina científica passando por todo período histórico moderno até a passagem para o período pós-moderno, iremos ver as principais mudanças que ocorreram em cada período histórico, no moderno estudaremos as principais escolas históricas e as principais modificações ocorridas em cada uma até chegarmos no período pós-moderno e conhecermos suas particularidades e suas consequências no meio historiográfico. É papel do historiador conhecer as principais mudanças ocorridas na Teoria da História e como ela foi mudando e se aperfeiçoando em cada período histórico, conhecer seus paradigmas é essencial e principalmente conhecer suas diferenças. Este trabalho foi desenvolvido através de uma pesquisa bibliográfica em acervos e arquivos digitais no qual foi estudado grandes nomes da Historiografia, através da pesquisa foi permitido adentrar e conhecer o ofício do historiador permitindo uma viagem por todo período histórico moderno e pós-moderno.

Palavras-chave: Teoria da História. Modernidade. Pós-modernidade. Ofício do historiador.

ABSTRACT

This present work aims to show the changes in the historian's craft, from its consolidation as a scientific discipline through the entire modern historical period to the transition to the postmodern period, we will see the main changes that occurred in each historical period, in the modern we will study the main historical schools and the main changes that occurred in each one we will arrive in the postmodern period and we will know its particularities and its consequences in the historiographical environment. It is the historian's role to know the main changes that have occurred in the Theory of History and how it has been changing and improving in each historical period, knowing its paradigms is essential and, above all, knowing its differences. This work was developed through a bibliographical research in collections and digital archives in which great names of Historiography were studied, through the research it was allowed to enter and know the historian's craft, allowing a journey throughout the modern and postmodern historical period.

Keywords: Theory of History. Modernity. Postmodernity. Historian's Office.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	DEMONSTRAÇÃO DO OFÍCIO DO HISTORIADOR: características e principais discussões.....	14
3	CLASSIFICAÇÃO DOS PERÍODOS (ESCOLAS HISTÓRICAS)	21
3.1	A Escola Histórica Alemã.....	23
3.2	Escola Metódica.....	24
3.2.1	Historicismo.....	26
3.4	Escola Marxista.....	28
3.5	A Escola dos Annales.....	29
4	PÓS-MODERNIDADE.....	33
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho vem apresentar o papel do historiador no que diz respeito à construção do saber histórico, apresentando o caminho metodológico para a produção do conhecimento desde o surgimento da consciência histórica¹, passando por toda subjetividade existente em cada pesquisador e sua relação com seu objeto de pesquisa.

É um caminho árduo que começa na coleta de fontes para reflexão e também para a formação de perguntas e dúvidas, passando por um longo processo de amadurecimento das fontes para se chegar no processo de recorte, coletando todas as informações necessárias e eliminando assuntos que se afastem da discussão proposta para seu objeto de estudo, para que, de fato, seja iniciada a produção do conhecimento passando para texto.

Como aponta Bloch, (2001, p.52) “o historiador é necessariamente levado a nela recortar o ponto de aplicação particular de suas ferramentas; em consequência, a nela fazer uma escolha que, muito claramente, não é a mesma que a do biólogo, por exemplo; que será propriamente uma escolha de historiador”.

No campo da teoria da história cabe ao historiador utilizar as técnicas e metodologias existentes no grande acervo historiográfico para desenvolver uma boa pesquisa, pois sua missão é apresentar a história da ótica do passado, já que mesmo o leitor no presente ou no futuro deve se sentir instigado com a leitura de um texto histórico.

Cabe ao pesquisador trazer esse espírito de entendimento de sua obra histórica, pois como aponta Matos (2015, p.03) “além da linguagem e sua significação temporal, o historiador ainda precisa atentar para as categorias de compreensão temporal, como as noções de passado, presente e futuro, de forma a perceber como essas são interligadas se entendidas dentro das estruturas sociais”. Sabemos que o historiador tem esse legado de apresentar a história do passado de diferentes ângulos e formas, uma história do mundo, universal, local, individual e de diferentes formas e assuntos.

O historiador tem uma responsabilidade ética muito grande, pois através da metodologia e teoria utilizadas em seu período histórico ele vai desenvolver seus estudos

¹ Para Jörn Rüsen a consciência histórica pode ser definida como uma categoria que se relaciona a toda forma de pensamento histórico, através do qual os sujeitos possuem a experiência do passado e o interpretam como história. Em outras palavras ela é “(...) a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente, sua vida prática no tempo” (MARRERA e SOUZA, 2013, p.2 apud RUSEN, 2010, p. 57)

mediante as influências destas. Vemos ainda que na consolidação da história como uma disciplina científica o historiador se afasta da literatura, da arte, da música... E se aproxima do modelo científico objetivo, imposto pelas ciências da natureza e de todo conhecimento científico da época. É importante destacar a mobilidade do conhecimento em mudar, o conhecimento histórico no quesito de sua produção não é imóvel, pois se adapta de maneira gradual a sua época.

A principal diferença pode ser estudada pelas escolas históricas, que são definidas como o conhecimento histórico estudado e produzido em determinado período do tempo. Essas escolas são caracterizadas por movimentos ou por autores que seguiam um paradigma no período de atividade. Nesse contexto, é importante apontar que uma escola histórica, movimento ou até mesmo paradigma influenciam-se mutuamente, pois existe uma ideia de continuidade de aperfeiçoamento que não é um movimento total de rupturas.

O movimento de caracterização e identidade de cada escola histórica, bem como dos paradigmas é/foi um processo delicado de identificação. Foi o que aconteceu, por exemplo, com escolas históricas como a alemã, metódica etc. O modelo paradigmático da modernidade, com a objetividade, racionalidade e universalização formam um paradigma, pois existe uma linha de ideias sendo seguida e métodos similares. Todavia, com a chegada da pós-modernidade esse modelo começa a mudar, uma vez que existia a resistência de muitos acadêmicos que não viam essa mudança, apenas denominando a pós-modernidade como uma extensão da modernidade.

Vejamos a escola Histórica Alemã, pioneira no movimento de cientificidade da história: sua consolidação no meio acadêmico, colocando o historiador em evidência e trazendo a neutralidade em seus escritos fez dela uma escola histórica muito importante, que teve como principal figura o historiador Leopold Von Ranke. Outra escola importantíssima e que sempre lembrada juntamente com a Histórica Alemã é a escola Metódica (ou Positivista) que sofreu influências diretas do movimento positivista. A objetividade do conhecimento histórico é sua principal característica, juntamente com o uso dos documentos para a construção do saber, deixando de lado totalmente o viés subjetivo do historiador.

Como vemos, as duas escolas apresentam algumas diferenças e similaridades, pois fazem parte de um mesmo paradigma². Daí provém a questão da continuidade do saber, mas

² Kuhn (2000) discute que um paradigma corresponde aos elementos que unem e aproximam membros de uma comunidade, e estes preparam um campo de atuação, iniciam e formam outras pessoas e estudantes para serem futuros membros da comunidade científica. Os paradigmas são compostos pelas realizações científicas que são reconhecidas universalmente, são responsáveis por legitimar a ciência feita e o conhecimento elaborado por um determinado grupo ou nicho/campo de pesquisa. É comum ouvirmos falar fulano de tal é weberiano, ciclano é

com diferenças, pois essa continuidade e aperfeiçoamento pode estar dentro de uma mesma escola histórica, como é o caso da escola dos Annales, que durante sua existência vivenciou três momentos com personagens diferentes.

A escola surgiu da criação de uma revista e se consolidou como um importante movimento histórico, que influencia até hoje o ofício do historiador. A Escola dos Annales permitiu novamente o diálogo com as disciplinas da área de humanas como geografia, economia e principalmente a antropologia. Seus maiores nomes, que representam sua primeira geração são os historiadores Marc Bloch, Lucien Febvre e Braudel posteriormente, seguidos por um grupo de historiadores, dando ênfase à entrada de mulheres e trazendo um modelo historiográfico revolucionário, permitindo o estudo da história das mulheres, dos negros e de uma história local.

No período moderno os métodos e teorias se concentram no campo da objetividade, principalmente nas escolas historiográficas primárias. Outro ponto é a universalização da historiografia, sempre pensada nesse campo, sendo importante apontar que já no período pós-moderno vemos a entrada de novos atores na maneira de produção do conhecimento histórico.

A subjetividade entra em campo, outrora deixada de lado e passa a ter destaque, pois cabe a cada historiador ter um olhar diferenciado para seu objeto de pesquisa, afrouxando as regras e normas mais rígidas impostas pelo modelo moderno. Agora, na modernidade, vai ressurgir um diálogo deixado de lado no processo da cientificação da disciplina História com as disciplinas de Literatura e Artes.

marxista, isso quer dizer que em suas atividades científicas e intelectuais apresentam estudos que possuem temas, recortes temporais, aplicam métodos e categorias de análises que pertencem originalmente aos paradigmas daqueles estudiosos (SANTOS; PAULO. 2016. p.06)

2 DEMONSTRAÇÃO DO OFÍCIO DO HISTORIADOR: CARACTERÍSTICAS E PRINCIPAIS DISCURSÕES.

Para se produzir história o pesquisador deve seguir um caminho metodológico científico para obter êxito e desenvolver um bom trabalho. Quando ele escolhe seu objeto de pesquisa e define sua metodologia está se posicionando e mostrando o caminho que vai seguir. Essa escolha é livre e subjetiva pois vai mostrar sua afinidade com o objeto de pesquisa, mas para o conhecimento ser produzido ele deve seguir regras e métodos. É para isso que existe a Teoria da História: para nortear o historiador, pois é através dela que o mesmo vai estabelecer relações do objeto de estudo com o mundo e permitir a exploração e interrogação do mesmo.

Para a construção do conhecimento científico histórico deve-se buscar materiais para o estudo e melhor aprofundamento do objeto de pesquisa, habitualmente encontrados em arquivos, revistas, jornais, sites e em uma ampla rede de fontes, pois a investigação é algo fundamental no ofício do historiador por ser a base de como ele vai se comportar nesse processo de produção. Logo após é necessário a redução, pois com a investigação vai surgir um vasto acervo e o passo seguinte é o do recorte e centralização do objeto de pesquisa, como veremos a seguir:

Uma segunda característica do trabalho dos historiadores é que este se faz em três momentos diferentes. Não é o mesmo momento. O primeiro é investigar. É possível passar anos nos arquivos como muitos de vocês estão fazendo, buscando coisas, desordenadamente, porque a documentação não é organizada pelos historiadores ... O segundo momento do trabalho do historiador: reduzir. Esse é um dos trabalhos mais difíceis. Há livros com milhares de páginas totalmente inúteis, e eu leio pouca História. Mas, quando leio, sei que as duas primeiras linhas de cada período dizem tudo e é inútil continuar lendo as outras 50 linhas. Por último, a comunicação, que é uma coisa muito complicada, porque é ligada à narrativa. (LEVI. 2014. p. 03)

Por último, a comunicação é um dos aspectos mais importantes no processo de produção científica, pois é ali que o pesquisador vai colocar tudo que executou nos dois processos anteriores: a investigação e a redução do objeto de pesquisa. Ele vai construir uma narrativa para comunicar seu problema científico. É a parte mais difícil, pois como um acadêmico ele vai apresentar de maneira clara, coesa e coerente sua pesquisa, e nesse processo (como nos outros) é necessário ter uma metodologia científica e apresentar seus resultados com embasamento em métodos e Teorias da História.

A esse respeito:

A obra do historiador é diferente da literatura por trabalhar com dados que fazem parte de um determinado referente, ou seja, ele sempre remete a uma realidade a algo que realmente aconteceu. O historiador pode utilizar-se de sua imaginação para a construção do texto histórico, uma imaginação criativa que lhe permita tornar o seu texto mais acessível ao público leitor, uma obra, digamos, de fácil compreensão, isto é um verdadeiro desafio para quem escreve história. (CANABARRO. 2008. P7)

A comunicação é feita por meio da narrativa histórica produzida através de dados concretos e fontes confiáveis. O historiador, através da pesquisa e coleta de dados, busca por um referente, que é um método importante para desenvolver seu trabalho. Esse referente pode ser de muito tempo atrás ou de pouco tempo, existindo ainda historiadores que estudam a história do presente, utilizado para determinar o tempo e o lugar onde o objeto de pesquisa está.

Muitos confundem a narrativa histórica com a literária, mas esta se baseia na ficção e na subjetividade do autor, não tendo compromisso com a verdade. Se a narrativa literária usa um referente é para contextualizar e ambientar seu mundo utópico, por isso devemos alertar que na narrativa histórica o pesquisador pode usar sua subjetividade, mas ela é controlada pela teoria, um processo coerente e regado.

Além disso, o trabalho em história sofre a pressão de sua crescente profissionalização, fato que evidencia a tendência à especialização e à formação continuada pelos profissionais de História. Assim, a História é uma forma de conhecimento que reivindica não somente uma metodologia associada ao uso de fontes históricas, mas uma postura crítica em relação às formas como o passado é reconstruído, levando-se em conta o seu impacto no futuro. (MAUAD; GRIMBERG, 2010, p.25)

Para a construção do texto histórico é preciso ter teorias e métodos. O historiador deve ter legitimidade para a construção de seus textos sempre seguindo um modelo historiográfico e alicerçado por uma teoria. Não é uma escrita avulsa, mas exige determinadas categorias a serem seguidas, pois outro aspecto importante é que a cada período a historiografia vai mudando, uma vez que cada grupo de historiadores vai inovando utilizando os métodos tradicionais, mas adicionando novos elementos característicos a cada período.

A historiografia é sempre contemporânea, pois existe uma atualização constante dos historiadores, em relação aos seus conhecimentos, e isto tudo converge em uma produção intelectual que atenda às expectativas da sociedade naquele momento, pois o conhecimento histórico deve essencialmente servir para entendermos a sociedade em que vivemos. (CANABARRO, 2008, p.17)

O real sentido da historiografia é produzir uma história do passado que atenda às necessidades da sociedade, no sentido de informar. A história está a serviço da humanidade, já que através do passado pode-se conhecer o futuro e evitar uma série de elementos, como também se pode mudá-lo. A partir das mudanças em cada período pelos intelectuais do mesmo

podemos dizer que a historiografia é contemporânea, pois sempre no período vigente ela apresenta mudanças que podem ser sutis ou não, depende do contexto em que o historiador está inserido, das regras atuais, de seu período histórico e os acontecimentos do período em si, pois os historiadores apresentam esses acontecimentos, como também podem apresentar as causas e soluções.

Historiador em seu ofício de escrever os acontecimentos passados, presentes e futuros, deve ter consciência de que existe uma determinada diferença entre o que realmente aconteceu com aquilo que ele escreve, ou seja, deve pensar que história-como-realidade passada não é exatamente igual à história-como-acontecimento-presente, pois o historiador com seu arsenal teórico e metodológico constrói uma interpretação da realidade passada, uma interpretação que suas fontes documentais lhe permitem, é claro sempre mediado pela teoria, que faz com que ele trabalhe de uma forma sistemática e coerente.(CANABARRO,2008, p.19)

O historiador tem em suas mãos uma série de elementos que vão auxiliar no desenvolvimento de um bom trabalho. A sua pesquisa aos textos históricos, as leituras, teorias, escolha da metodologia podemos chamar de historiografia, mas o historiador tem inúmeros desafios, como descrever o passado, pois o acesso a uma gama de fontes e relatos só permite a uma pequena visualização do passado e com a utilização de uma boa metodologia ele consegue expressar de forma científica uma boa reflexão do passado, mas não inteiramente, pois o historiador não tem como se teletransportar ao passado, mas sim construir uma visão histórica coerente apoiada em teorias e métodos.

Apesar de os historiadores estarem hoje mais céticos em relação à autoridade científica da sua disciplina, continuam operando com a convicção de que lidam com um passado “real”, ou seja, com a ideia de que o passado realmente aconteceu, e de que um texto de História não é um texto de ficção. Passado não somente imaginado, apesar de acessível somente através da mediação das categorias propostas por estes mesmos historiadores, mas também construído. Essa construção demanda métodos e abordagens que seguem uma lógica clara de investigação. (MAUAD; GRIMBERG, 2010, p.26)

O ofício do historiador permite ele ter uma gama de conhecimentos, pois existem inúmeros materiais de outros pesquisadores, textos, pesquisas, e uma série de metodologias e teorias permitindo a navegação nesse vasto acervo de informações que pode ser até confuso se não houver um foco e bom recorte do objeto de estudo. Todavia, isso permite ao historiador conhecer o meio em que ele está inserido e fazer inúmeras comparações entre os materiais, levando seu objeto de estudo para a melhor forma científica com a qual o pesquisador mais se identifica.

Com o estudo das teorias no mundo historiográfico e buscando conhecer a metodologia o mundo é aberto para o historiador, pois ele vai passar a conhecer os principais

historiadores e seus escritos mais notáveis, vai conhecer os períodos históricos, correntes historiográficas, os pioneiros e revolucionários de cada mudança significativa no meio histórico, e vai descobrir os segredos de como produzir o conhecimento científico através das metodologias usadas pelos historiadores, pois o pesquisador vai seguir uma metodologia entre várias que existem. O que vai diferenciá-lo é sua subjetividade, seu olhar sobre o objeto de pesquisa e o direcionamento que cada um vai seguir.

O historiador também é um sujeito capaz de criar certas tendências a partir de teorias, pois alguns trabalhos são tão inéditos e inovadores que são capazes de constituir uma nova tendência, uma nova forma de produzir conhecimento histórico. Estas novas tendências são responsáveis pela constante renovação do conhecimento, dando oportunidade de pensar a história sobre múltiplos olhares, e assim é importante salientar que é salutar entender a história a partir de vários pontos de vista, ou mesmo de outras abordagens. (CANABARRO, 2008, p.21)

Os historiadores no decorrer de seu ofício desenvolvem sua própria maneira de produzir seus textos. Muitos seguem regras metodológicas e teóricas do período em que está inserido, conseguem acrescentar elementos ainda não vistos em seus textos, criam metodologias inéditas fazendo com que outros historiadores possam seguir aquele mesmo modelo de escrita, criando assim uma corrente ou modelo que vai reger aquele período. Essas mudanças são importantes pois somente mediante a essas inovações que o conhecimento se renova.

No decorrer da história da historiografia podemos notar que o conhecimento vai mudando, nunca é um modelo fechado, sempre existem brechas para novas interpretações do saber e sempre há espaço para se acrescentar novos métodos a este saber.

No século XIX, a História era creditada como uma ciência objetiva que lidava com pessoas e culturas concretas no tempo. A definição da História como uma disciplina científica implicou a distinção clara entre discurso científico e discurso literário, entre historiadores profissionais e amadores. O problema é que, mesmo dentro dessa antiga tradição, a história se materializava através de um discurso narrativo que, ao mesmo tempo que provinha de fatos e evidências empíricas válidas, necessitava, na sua construção, de elementos da imaginação do próprio historiador. (MAUAD; GRIMBERG, 2010, p.13)

Devemos nos atentar que essa concepção da utilização de métodos e teorias ajudou no processo de tornar a história científica, pois para algo ser considerado científico precisa desses elementos. Não podem ser histórias contadas sem fontes, sem uma averiguação e devem aproximar-se o máximo da verdade. Percebemos então que o movimento iluminista³ influencia

³ Tem-se, a partir da ascensão do pensamento filosófico e científico, em meados do século XVI, uma mudança acerca da funcionalidade da ciência e do lugar do indivíduo no mundo. Mas essa alteração só foi possível através da expansão do iluminismo, tendo como marco histórico a Revolução Francesa. Como frutos desses novos paradigmas, encontram-se: i) a decadência do pensamento clerical; ii) o racionalismo como propulsor do saber, e;

diretamente no processo da história como uma disciplina científica, pois toda essa ideia de progresso da objetividade e a influência das ciências naturais são fatores que vão consolidar a disciplina, já que as primeiras escolas historiográficas dão ênfase a esses aspectos, como ocorre na escola metódica.

O método é essencial, pois através dele todo o universo é construído. A partir das pesquisas e leituras vai ser colocado no papel e depois externado, pois a aplicação dos métodos é que consiste na organização do objeto, criando o problema da pesquisa, os questionamentos, a hipótese, os objetivos, para depois se chegar aos resultados muitas vezes com ou sem respostas.

Outro aspecto importante que anda lado a lado dos métodos é a teoria. Para o conhecimento ser válido ele precisa de uma fundamentação teórica baseada em documentos legítimos e para ser legítimo e aceito no meio acadêmico, vejamos, não podemos falar de “A” sem ter buscado através das fontes textos e informações acerca dele. Precisamos juntar o máximo de informações sobre ele, e de diversos ângulos, já que algo comum no meio historiográfico é a busca por informações contrárias e a favor para se localizar no problema.

As histórias tornam-se realmente científicas a partir do momento em que forem embasadas na pesquisa histórica, ou seja, em algo que realmente aconteceu em um determinado tempo e espaço, que existiu de forma concreta, que possa ser recuperado em algum aspecto e transformado em conhecimento. As narrativas devem ser construídas obedecendo às regras da pesquisa histórica, pois é necessária a sistematização dos dados a partir de algumas normas que são dadas com a teoria aplicada. (CANABARRO, 2008, p.32)

O importante é que os métodos e teorias estão em constante mudança, e variam de acordo com o tempo e o modelo historiográfico. No período moderno vemos a objetividade, o uso de metanarrativas da história universal, ao passo em que a história nacional era evidenciada no pós-moderno, onde já se via a objetividade perder espaço para a subjetividade.

É muito importante a discussão sobre os troncos historiográficos e suas características, mas também devemos levar juntamente com o assunto a discussão sobre o ofício do historiador e como ele desenvolve seu trabalho, partindo dos métodos e conceitos e chegando à aplicação, a partir da fundamentação e bagagem adquiridas durante seu processo de formação. Muitas vezes esses assuntos são submergidos pela sensação de conhecimento superficial, mas sempre é importante o aprofundamento do tema.

iii) o indivíduo recolocado como o centro do conhecimento universal. À esta ruptura paradigmática convencionou-se chamar de Modernidade. Portanto, o presente trabalho busca analisar conceitualmente a evolução e consolidação do pensamento iluminista e, respectivamente, da Modernidade, além de retratar a Revolução Francesa e sua importância ímpar no percurso históricos ocidental. (MELLO e DONATO, 2011, p.01.)

O ofício do historiador é estudar o passado e retratá-lo da forma mais verossímil possível seguindo o pensamento moderno. Na escolha do tema existe uma delimitação do tempo, de temporalidade e localização, seguindo o princípio da parcialidade são requisitos básicos para a construção da pesquisa. Dois elementos chave são os conceitos de real e tempo que devem ser entendidos para a construção do estudo do historiador.

É importante entender que desde a consolidação da história como disciplina científica e na sua gênese vemos que os métodos da objetividade sempre estão em primeira linha. Essa evidência se dá pelo momento histórico vivido, pois essa consolidação ocorre em um período que as disciplinas de ciências da natureza são o modelo de ciência aceita e também pelas referências do período iluminista, que influenciam diretamente nessa objetivação e racionalidade na produção científica.

Para a produção do conhecimento científico fica evidente a presença dos métodos e teorias para o estudo, pois sem esses elementos não tem como o conhecimento ser gerado. Todavia, é importante evidenciar o momento anterior e primário a este, que é o momento que no meio historiográfico conceituamos como o momento de surgimento da consciência histórica, com o surgimento de perguntas no campo subjetivo do pesquisador acerca de elementos, coisas e acontecimentos do passado, surgindo a consciência de questioná-los e entender esses momentos. É importante apontar que esse momento só pode acontecer quando olhamos para o passado e refletimos essa questão acerca de como o tempo muda.

Segundo Jörn Rüsen, uma pesquisa começa no momento em que adquirimos a consciência histórica; de alguma maneira, todos os seres humanos são históricos e vivem historicamente, mas só temos consciência de nossa historicidade quando acontece algo em nossa vida prática que exige a remissão ao passado: quando, por exemplo, acontece algo que, a despeito de nossas intenções iniciais, não fora previsto. Se nossa intenção, em uma época determinada, era obter “x” depois de certo tempo (perda de peso, ganho de dinheiro etc.) e acontece algo diferente de “x”, precisamos encontrar as verdadeiras causas que expliquem o processo, posto que não havia sido nossa intenção que “x” não acontecesse. (TEIXEIRA, 2014, p.10)

Cabe ao historiador investigar o passado utilizando-se do método histórico quando existe a necessidade de explicação do passado, pois como seres vivos, a todo momento experiências humanas são vivenciadas e o tempo corre a todo instante, gerando assim uma vasta gama de objetos a serem estudados, dependendo do interesse de cada historiador se aprofundar no que lhe desperta a consciência histórica.

Para analisar um assunto no meio historiográfico ou no científico, em geral os pesquisadores têm total autonomia para estudar um objeto de pesquisa em sua totalidade de maneira minuciosa, a qual denomina-se especializações, o que é um ponto positivo por ser um

método eficaz que também tem riscos, pois pode levar o pesquisador a pensar que conhece tudo sobre determinado tema, levando a uma indiferença a outros pesquisadores e tornando-limitando apenas àquele tema.

Um dos grandes desafios da ciência é a especialização. Por um lado, ela é desejável e imprescindível. Mediante o estudo especializado, é possível conhecer um assunto de maneira mais precisa, detalhada, minuciosa. E, de alguma maneira, todos nós tendemos a nos especializar naquilo que nos interessa, pois é normal que se goste mais de um assunto do que de outro. Por outro lado, por vezes, de tal forma nos perdemos na especialização que passamos a correr dois riscos. Um deles consiste em confundir uma parte do saber humano com a totalidade do saber humano. Dito de outra maneira: são tantos aspectos a conhecer sobre o assunto no qual nos especializamos que achamos que tudo se esgota ali. É como confundir um planeta com todo o universo. O outro risco é decorrente do primeiro: quem estuda algo diferente passa a ser tratado como alguém literalmente de outro planeta: se estudo a cultura no Brasil contemporâneo, terei dificuldades imensas em acompanhar uma discussão sobre a economia da Roma antiga. Não conseguimos nos entender, pois simplesmente não falamos a mesma língua. Isto é uma pena. (TEIXEIRA, 2014, p.19)

Um grande historiador chamado Jorn Rusen em sua obra “RECONSTRUÇÃO DO PASSADO TEORIA DA HISTÓRIA”, vai apresentar três elementos centrais para possibilitar o historiador a desenvolver sua pesquisa: a Heurística, a Crítica e a Interpretação. Para ele, esses três elementos formaram um método histórico que possibilitou a formação do conhecimento científico.

Ele ainda apresenta dois tipos de operações que vão auxiliar nesse processo, que são as operações processuais e substanciais. No que se refere às processuais, estas são todos os dados e métodos que vão ser gerados através das pesquisas que são de caráter único e comum a todos os pesquisadores, pois são informações gerais. Já as operações substanciais estão ligadas às relações do pesquisador com seu objeto de estudo no decorrer da experiência com o passado e com os momentos históricos.

3 CLASSIFICAÇÃO DOS PERÍODOS (ESCOLAS HISTÓRICAS).

Nos tempos contemporâneos é muito facilitador para se estudar a historiografia pois o acesso às informações está muito acessível e os conceitos acerca da mesma também. Muitas vezes com essa facilidade a busca pelo aprofundamento dos conceitos é deixada de lado o que pode causar prejuízos ao entendimento.

Na tradição historiográfica e em toda sua história ela é dividida em períodos históricos, correntes historiográficas, paradigmas, nas escolas históricas e muitas outras formas de divisão. Vamos nos aprofundar nas escolas históricas e nos aspectos que a caracterizam bem como em outros conceitos que são a chave para entender a historiografia.

Uma “Escola Histórica” pode ser entendida no sentido de uma “corrente de pensamento”, sempre que ocorre um padrão ou programa mínimo perceptível no trabalho de grupo formado por um número significativo de praticantes de determinada atividade ou de produtores de certo tipo de conhecimento, sendo ainda importante que haja uma certa intercomunicação entre estes praticantes, a constituição de uma identidade em comum, frequentemente também ocorrendo a consolidação de meios para a difusão das ideias do grupo, como é o caso de Revistas especializadas controladas por seus membros ou programas veiculados em mídias diversas. (BARROS, 2010, p.04)

Vemos que deve existir padrões para a caracterização de uma escola histórica como linha de pensamento e que um grupo de historiadores deve seguir esses padrões, pois deve haver sincronia sobre o que um determinado grupo de historiadores escreve, bem como pontos em comum mesmo que os historiadores não sejam da mesma época. Algo comum na área historiográfica é que muitos servem de referências para outros na construção de seus escritos.

Entretanto, nem sempre essa construção foi fácil ou perceptível. Vemos que as principais escolas surgiram de revistas, sendo identificadas pelo país e por seu principal grupo de historiadores, podendo ser citadas como exemplo a escola alemã historicista, escola escocesa e escola marxista inglesa.

No decorrer da jornada de estudos sobre a historiografia aprendemos sobre a teoria e os métodos da historiografia e esses pontos se aplicam na caracterização das Escolas históricas, como é o caso do método que vem como um identificador, pois se formos analisar uma escola vemos que existe uma unidade nos escritos e que ela é feita a partir de uma mesma linguagem.

O método histórico sempre é o mesmo entre todos. Não existe a possibilidade de pertencimento de um grupo se não existir pontos em comum, o que nem sempre é de fácil percepção. Muitas vezes nem visível é, como é o caso da escola dos Annales, que tem um papel

tão importante que até hoje muitos estudiosos não sabem ao certo, em termos classificatórios, se ela é uma escola historiográfica⁴ ou até mesmo um paradigma histórico. O certo é que essas escolas têm um papel tão grande na historiografia que pode mudar os rumos da escrita e entendimento da mesma.

De todo modo, apesar das habituais dificuldades classificatórias, o espírito de grupo que determinados historiadores terminam por constituir, trabalhando para uma finalidade comum, frequentemente é forte o suficiente para que se crie a ideia de uma “Escola”. Marc Bloch e Lucien Febvre, à parte certos pontos em comum que se referiam às críticas contra a historiografia francesa tradicional representada pelos metódicos, apresentavam influências e estilos historiográficos distintos, mas isto não impediu que erigissem um dos movimentos mais bem sucedidos da historiografia contemporânea. (BARROS, 2010, p.05)

Muitas vezes a finalidade no trabalho pode ser o ponto de caracterização de uma escola histórica como é o caso de Bloch e Febvre. São elementos que só através de uma análise criteriosa pode-se definir se um autor ou uma revista especializada em história faz parte de determinada escola. Vemos que a Escola dos Annales ficou tão grande que existem questionamentos acerca de sua classificação, mas existem também exemplos opostos, como é o caso dos historiadores da micro história italiana⁵, que pode ser caracterizada como uma escola histórica, pois tem aspectos em comum entre eles e também aspectos no âmbito de classificação de uma escola histórica.

Outro aspecto importante a ressaltar é que, face ao sucesso ou projeção de um determinado grupo que tenha constituído ou ficado conhecido como uma “Escola”, não raramente surgem os herdeiros, os que se postulam como continuadores da escola em questão, mesmo que já tenham se distanciado dos aspectos que unificavam a escola historiográfica na sua origem (BARROS, 2010, p.06)

É normal no meio das escolas históricas a continuidade, com o surgimento de novos herdeiros, mas muitas vezes existe uma série de conflitos, pois cada escola tem sua identidade que é um aspecto formador e caracterizador das mesmas, e quando surge novos atores tende a existir uma resistência no meio, pois muitas vezes eles se distanciam do que era feito na escola

⁴ Uma “Escola” –fora a noção mais vulgar que se refere a instituições de Ensino –pode ser entendida no sentido de uma “corrente de pensamento”, sempre que ocorre um padrão ou programa mínimo perceptível no trabalho de grupo formado por um número significativo de praticantes de determinada atividade ou de produtores de certo tipo de conhecimento, sendo ainda importante que haja uma certa intercomunicação entre estes praticantes, a constituição de uma identidade em comum, frequentemente também ocorrendo a consolidação de meios para a difusão das idéias do grupo, como é o caso de Revistas especializadas controladas por seus membros ou programas veiculados em mídias diversas. Será importante entender ainda que as “escolas” podem apresentar uma referência sincrônica –relacionada a autores ou praticantes de uma mesma época –e uma referência diacrônica, no sentido de que a “Escola” pode se estender no tempo e abarcar sucessivas gerações, ou ser por elas reivindicada. (BARROS.2011.P.02)

de origem. Esse distanciamento ocorre devido ao tempo em que determinado historiador vive. Essa questão do tempo em que o historiador vive é muito importante pois isso influencia diretamente seus escritos devido a subjetividade de cada historiador.

3.1 A Escola Histórica Alemã

A Escola Histórica Alemã tem sua principal contribuição na historiografia pela estabilização da História como disciplina universitária, pela implantação de uma rigorosidade no tratamento das fontes e pela implantação de arquivos. Algo revolucionário que tem como base da escola foi a implantação do historicismo, que vem colocar a figura do historiador em primeiro plano nas pesquisas históricas e no próprio campo de pesquisador da área, pois anteriormente ficava a cargo de qualquer estudioso de qualquer área, agora fica a cargo do historiador historicizar a história através dos métodos próprios.

Como resultado desse movimento surge no final do século XIX uma corrente de pensadores organizada como a escola histórica alemã (em alemão, Historische Schule der Nationalökonomie) que reagiu de forma contundente às idéias liberais e ao avanço do pensamento marginalista. Configurou-se, então, um embate metodológico entre indutivismo e dedutivismo. Os autores da escola histórica atacam a noção de universalidade dos teoremas econômicos. Isso porque a economia é dependente dos fenômenos históricos específicos de cada povo e, portanto, deve se dedicar a um estudo rigoroso da realidade histórica e não à dedução de teoremas de acordo com a lógica. (ALMEIDA, 2014, p.04)

A Escola Histórica Alemã tem como principal expoente Leopold Von Ranke, e a neutralidade frente às pesquisas está na essência da escola. Muitos estudiosos associam-na a um importante movimento que é o positivismo e essas associações se dão devido a objetividade e neutralidade que vai entrar em vigor neste novo paradigma historiográfico além de relatar os fatos tal como eles aconteceram”.

“A Escola Histórica Alemã foi um grupo de autores em geral, mas não unicamente, alemães, cujo período de proeminência vai da segunda metade do século XIX até meados dos anos 1920. O fio condutor que os unia era uma postura crítica em relação à teoria econômica clássica, e em geral uma metodologia que buscava compreender e explicar os fenômenos, ideias e instituições econômicas a partir de seu desenvolvimento histórico. Dividem-se em três ‘fases’ ou ‘gerações’, a primeira, a “Antiga” sendo composta por Bruno Hildebrand, Karl Knies e Wilhelm Roscher; a segunda, “Nova” certamente capitaneada por Gustav Schmoller, mas da qual fazem parte também uma infinidade de autores como Lujo Brentano, Adolph Wagner e G.F. Knapp; e a última a “Novíssima” da qual Max Weber, Werner Sombart e Arthur Spiethoff são os membros mais ilustres. Digno de nota em sua história é o Methodenstreit, um período de debates intensos dos quais as figuras centrais são Carl Menger e Gustav Schmoller (em polos opostos do debate), onde os papéis de teorias gerais e da análise histórica foram discutidos de forma intensa. (YAKUWA, 2016, p.09)

A escola foi financiada e apoiada principalmente pelas grandes monarquias, o que levou os historicistas a contarem uma história do passado dos reis, do passado glorioso, o que de certa forma contribuiu como sustentáculo dos mesmos. Outra característica era a formação de uma história nacional respeitando todas as particularidades de cada povo ou nação, já que eles não tinham como intuito uma história universal.

A busca da singularidade de tudo o que é histórico deveria estar alicerçada em uma rigorosa crítica das fontes, compreendidas como evidências deixadas por seres humanos que, de uma maneira ou outra, vinculavam-se a pontos de vista que precisavam ser compreendidos e criticados pelo historiador. Por isso, uma das principais contribuições da Escola Alemã relaciona-se, certamente, ao estabelecimento da Crítica Documental, e os principais aspectos que constituem o novo método crítico que estava se estabelecendo aparecem já no Prólogo e Apêndice do primeiro livro publicado por Ranke – a “História dos Povos Românicos e Germânicos”, datada de 1824/26. (BARROS, 2010, p.04)

A crítica documental também é uma herança deixada pela Escola Histórica Alemã, onde os historiadores deveriam seguir a uma rigorosa análise das fontes para somente depois analisar cada documento, para, a partir de então, compreender e criticar cada um deles no desenvolvimento do seu trabalho.

3.2 Escola Metódica

A Escola Metódica é uma das principais escolas conhecidas no meio historiográfico, sendo conhecida ainda por escola positivista, visto a influência do movimento positivista⁶ na mesma. Ela surge com a intenção de afastar da História toda e qualquer influência da filosofia, ou seja, eliminando toda a especulação vinda da filosofia e impondo a objetividade nos estudos históricos. Os historiadores metódicos tinham como cerne os métodos impondo o uso das fontes, críticas dos documentos, e foram também responsáveis pela organização das tarefas da profissão.

⁶ O positivismo é uma das doutrinas filosóficas derivadas do iluminismo. Sua origem mais remota se encontra em Condorcet, filósofo vinculado à Enciclopédia, para quem era possível criar-se uma ciência da sociedade com base na matemática social, de acordo com Michael Löwy. Mas foi com Augusto Comte (1798-1857) que o positivismo se tornou uma escola filosófica [...] os fundamentos do positivismo consistem na busca de uma explicação geral diante de um fenômeno derivado da industrialização: a crescente especialização. Comte procurou fazer de sua filosofia um instrumento para manter plena a perspectiva do geral, da visão macro. Fundou, assim, a física social, nome que ensejou o aparecimento da sociologia. Essa ciência se baseou no modelo de investigação comum às ciências empíricas particulares, com vistas a “descobrir as regras que governam a sucessão e a coexistência dos fenômenos” (ABREU PENA, 2013, p. 01)

Os historiadores positivistas participam na reforma do ensino superior e ocupam cátedras em outras universidades e dirigem novas coleções (...) formulam os programas e elaboram as obras da história destinadas aos alunos nos colégios secundários e das escolas primárias (..) portanto, esta corrente de pensamento, funda simultaneamente uma disciplina científica e segrega um discurso ideológico. (BOURDÉ e MARTIN, 1983, p. 97)

É notável o papel fundamental dos metódicos na reformulação do ensino histórico, na reorganização da disciplina e sua nova aplicabilidade no ensino, mas devemos apontar os pioneiros metodistas que são Charles Victor Langlois e Charles Seignobos. Eles foram os responsáveis pelo cientificismo da disciplina História no meio acadêmico, que a partir da Revista Histórica aplicariam as primeiras regras na disciplina.

Os metodistas acima citados condenam de forma total todos os outros meios de conhecimento da história como a teologia da História, Filosofia da História e História literária, pelo fato de todos basearem a história na providência, dando todo mérito do passado e futuro da história a Deus. Vemos que aqui há um movimento de aproximação entre a historiografia com as ciências naturais, deixando de lado conceitos metafísicos e partindo para as causas determinantes, materiais e finais, tal como as disciplinas de Física e Química.

Na escola metódica o ofício do historiador é a aplicação dos documentos, ou seja, mesmo que exista uma relação implícita entre o historiador e os documentos ela é apagada, dando total evidência aos documentos, e essa ação de aniquilamento do historiador em seus textos é vista com bons olhos por estar na essência da mesma. Para Langlois e Seignobos, documentos são os vestígios escritos deixados pelos pensamentos: cartas, ofícios, decretos, etc. Para eles está bem delimitado os materiais nos quais os historiadores vão fazer suas pesquisas e análises delimitando a disciplina.

As características da escola metódica e dos autores Langlois e Seignobos são a proteção aos documentos e seu inventário. Eles tinham como característica máxima a descoberta desses documentos, seu armazenamento e a proteção dos mesmos, pois para eles a primeira tarefa do ofício do historiador era essa de armazenamento e busca pelos documentos.

Esse movimento feito pelos historiadores metódicos parece simples, mas ganhou o nome de heurística⁷. Para os principais seguidores e estudiosos metódicos eles tinham como

⁷ No método heurístico, a situação problemática entra incessantemente em novas relações, resultando a aquisição de novas qualidades, as quais se fixam em novos conceitos. Ele funciona como se da situação problemática fossem retirados novos conteúdos; e, com questões e organização das respostas, ele possibilita, nos vários momentos da investigação, que os elementos iniciais do problema adquiram novas relações, aparecendo cada vez uma nova qualidade e por isso uma nova caracterização conceitual. A atualização dos conhecimentos necessários para a investigação de um problema exige relacionar o problema e o conhecimento disponível, até que todos os conceitos necessários sejam determinados. Isto produz uma mudança da formulação verbal do problema. (ARAÚJO; PEREIRA, 1980, p.01)

tarefa básica a proteção dos documentos para não cair no esquecimento, nem os documentos serem roubados ou até mesmo pegar fogo. Eles eram armazenados em locais seguros e em ambiente agradável, depositados em bibliotecas reais e nacionais.

3.2.1 Historicismo

A Escola Historicista surge no contexto histórico de formação e consolidação dos Estados nacionais na Prússia, que viria a se chamar Alemanha mais tarde. Esse é um período de transformação no campo historiográfico, pois ela emerge quando o mundo europeu vive as mudanças transformadoras em sua sociedade devido aos eventos da Revolução Francesa. É uma escola inovadora no campo historiográfico e científico, mas ao mesmo tempo ela continua seguindo uma linha científica destinada a atender as demandas dos poderosos da burguesia dominante do período, pois ao mesmo tempo que ela traz avanços continua conservadora em alguns aspectos.

De todo modo, as duas grandes questões que se colocam para os historicistas alemães são a vontade de realizar a unificação alemã – uma vez que todo o vasto território de fala germânica estava então partilhado em inúmeras realidades políticas menores – e também o projeto de encaminhar a modernização sem maiores riscos revolucionários. Para além disto, particularmente com a Escola Histórica Alemã, os historicistas de primeira hora se apresentaram muito habitualmente sustentáculos das estruturas monárquicas – sendo particularmente forte a monarquia prussiana como financiadora do projeto nacional historicista sob sua jurisdição – e ainda havia uma boa parte de historicistas que buscavam justificar no passado as permanências e instituições feudais ainda persistentes no seu presente. (BARROS, 1994, p. 392)

Percebemos que existe um financiamento das monarquias com os historiadores, mas existe um sentimento por trás dessa manobra. Ela ocorre para a perpetuação do regime monarquista que só pode se manter vivo através do passado, cabendo ao historiador trazer à tona esse passado. É importante destacar que na Alemanha não existe uma unificação. Então, a Escola Historicista vai influenciar e fazer parte desse processo de unificação, por ser responsável pela consolidação dos estados nacionais.

No fundo, tanto o Positivismo como o Historicismo foram, à partida, frutos de uma mesma necessidade de época, representada pelo paradoxo de encaminhar uma modernização política que viabilizasse aquele desenvolvimento industrial que atenderia às exigências da burguesia triunfante, e ao mesmo tempo conservar alguns privilégios sociais da nobreza (FONTANA, 2004, p. 222).

Todavia,

a esta necessidade em comum de realizar o consenso entre nobreza e burguesia, o Positivismo e o Historicismo ofereceram respostas diferenciadas: o positivismo

francês oferecia o consenso com base na ideia de universalismo; o historicismo alemão buscava proporcionar o consenso social ancorado na ideia de nacionalismo. Para tanto, era necessário realizar uma nova forma de história, cujos dois principais pilares foram a recuperação de uma documentação alemã que remontava aos tempos medievais, e o desenvolvimento de um novo método de crítica destas fontes com inspiração filológica. (BARROS, 1994, p. 393)

Como já destacado, ela é considerada uma escola conservadora no âmbito da valorização do passado. Para os historiadores desses períodos existe a valorização dos feitos e contribuições de cada época, levando assim as coisas boas dos mesmos. A Escola Historicista Alemã é apontada como conservadora, por, na sua essência, ser muito parecida com o positivismo, mas ela traz um aspecto inovador que é a valorização do nacional, tendo por intuito contar uma história nacional não partindo para o campo do universal.

Leopold Von Ranke é seu principal expoente, importante historiador e peça de reconhecimento do movimento. É conhecido por suas contribuições no âmbito da história da Nação e do Estado e seus estudos vêm da influência de outro grande historiador chamado Vom Humboldt⁸. Sua obra foi essencial para o processo de unificação da Prússia como estado, nação, e é importante destacar como a revolução francesa influenciava o mundo com seus ideais de revolução. Nesse cenário a escola historicista vem para apaziguar dar um sentimento de nação a esses pequenos grupos (sociais, políticos e territoriais) que formariam o estado nacional alemão.

Já o Historicismismo irá construir passo a passo o seu paradigma no decurso do século XIX. Isto explica que, à partida, o Historicismismo Alemão, ou ao menos uma de suas escolas, a rankeana, ainda apresente claramente posições conservadoras, sempre a serviço dos grandes estados-nacionais, e neste novo contexto é bastante interessante notar que Ranke ainda declara ser capaz de “contar os fatos tais como eles se deram” (se bem que haja bastante polêmica em torno do verdadeiro sentido deste dito). De todo modo, Ranke já não crê em uma história universal humana, e sim em histórias nacionais particulares, de maneira que já se vê aqui um primeiro princípio de aceitação da relatividade historiográfica – neste caso ao nível do objeto de estudo. (BARROS, 1994, p. 403)

⁸ Alexander von Humboldt nasceu em 14 de setembro de 1769, numa abastada família aristocrática prussiana que passava os invernos em Berlim e os verões em Tegel, um pequeno castelo de propriedade da família cerca de 16 quilômetros a noroeste da cidade. (..) Na época em que Humboldt nasceu, a Prússia era conhecida por seu gigantesco exército permanente e sua eficiência administrativa. Ainda que tenha regido como monarca absoluto, o déspota esclarecido Frederico, o Grande, introduziu algumas mudanças, incluindo um sistema de educação primária e uma modesta reforma agrária. (..) Ainda jovens, Alexander e Wilhelm von Humboldt ingressaram nos círculos intelectuais de Berlim, onde discutiam a importância da educação, da tolerância e do pensamento independente. (WULF, 2016, p.34-41)

Importantes nomes do movimento historicista são os filósofos Giambattista Vico (1668-1774) e Johan Gottfried Von Herder (1744-1803). Eles são peças chaves do movimento, pois eram adeptos da história particular. Nas suas pesquisas eles mostravam as especificidades de cada sociedade, seguindo o modelo de “relativismo da história em que eram observadas somente as particularidades de cada sociedade para ele as fontes encontradas a partir dos objetos de pesquisa é que é ponto definidor de um lugar ou época” (BARROS, 1994, p.194).

3.3 Escola Marxista

A escola historiográfica Marxista é uma escola histórica influenciada diretamente por Karl Marx e seus escritos. Ela tem por base o materialismo histórico, pois para ele a história da sociedade só pode ser vivenciada a partir de condições materiais, não de ideias, pensamentos e filosofias. Para ele o mundo só pode ser vivido e explicado através do materialismo existente e produzido pela sociedade, sendo totalmente contrário ao espiritual e suas explicações, pois, para Marx, é o material que explica os eventos do espiritual, ou seja, o homem sempre busca formas de produzir materiais em sua existência, não ficando no âmbito das ideias (espiritual).

Na produção social da sua existência, os homens entram em [...] relações de produção que correspondem a um grau de desenvolvimento determinado das suas forças produtivas materiais» (Prefácio, 1.3-6). O primeiro conceito -«as forças produtivas... parece fácil de definir. À primeira vista, as forças produtivas compreendem as fontes de energia (madeira, carvão, petróleo, etc.), as matérias primas (algodão, borracha, minério de ferro, etc.), as máquinas (moinho de vento, máquina a vapor, cadeia de montagem, ferramentas de todos os gêneros); ao examiná-las mais de perto, comportam também conhecimentos científicos e técnicos (por exemplo, as invenções de Lavoisier que conduzem aos fabricos da indústria química) e os trabalhadores segundo o seu peso demográfico, a sua repartição no espaço, a sua qualificação profissional. (BOURDÉ, 1993, p.154)

É importante observar que Marx, assim como outros estudiosos, sempre buscou uma forma de fundamentar o ser na história. Alguns seguiram na linha das “ideias”, mas Marx, devido suas influências, vai para o caminho do materialismo, em que o ser é um produtor, ou seja, ele sempre está produzindo em sua existência, seja ações ou matérias propriamente ditas. Algo muito importante apontado por Marx a respeito do materialismo são as relações de produção entre quem produz esse dito “materialismo”, podemos esses conceitos serem amplamente vistos nas sociedades feudais, industriais e até modernas.

Segundo Bourdê (1993) a organização da sociedade marxista, segundo o pensamento de Marx, pode ser concebida por duas características base, por uma espécie de

bipolarização apresentando dois lados. De um lado a infraestrutura econômica e do outro a superestrutura ideológica.

É preciso apontar que nessa nova corrente histórica sob influência de Marx e seus escritos traz à tona a relação entre o material e o campo das ideias, pois, para ele, o primeiro explica o segundo, trazendo o debate sobre a realidade social em todos os níveis.

Os modos de produção estão diretamente ligados, para se ter entendimento dessa corrente, pois as análises históricas partem desse campo das relações, criadas nesse espaço de produção. Para Marx é no modo de produção capitalista que toda a sociedade contemporânea está quando há o encontro do detentor dos meios de produção com quem detém a força do trabalho e a vende. Esse é o modelo histórico da sociedade capitalista.

O modo de produção é o motor que move e pode modificar a sociedade, transformando a história, pois somente ela é vista como meio transformador. As mudanças só ocorrem quando uma sociedade muda com seus modelos de produção, e essas mudanças chegam em uma sociedade quando a estrutura começa a conflitar entre ela mesma.

A escola Marxista foi responsável por grandes autores na área da historiografia. Os principais seguidores da linha marxista são Perry Anderson (1938), Eric Hobsbawm (1917-2012), Christopher Hill (1902-2003), Maurice Dobb (1900-1976), George Rudé (1910- 1993), Charles Tilly (1929-2008) entre outros.

Em grande parte, os estudiosos marxistas ingleses possibilitaram uma melhor compreensão da sociedade ocidental, com especial destaque para a denominada Idade Moderna, no qual tivemos a formação dos estados nacionais e a constituição do sistema capitalista de produção. Uma das novidades apresentadas no interior dos estudos marxistas foi a de uma recusa ao determinismo econômico, não mais compreendendo a história humana apenas como um esquema de sucessões de modos de produção econômicos. Para estes marxistas, aspectos ligados ao cotidiano, assim como as crenças dos indivíduos, foram considerados fundamentais para a compreensão da história humana. (SANTOS, 2016, p. 84)

Como podemos observar na citação acima, o legado deixado pelos estudiosos marxistas estão influenciando até os dias atuais, assim como suas principais contribuições, podendo ser citada a explicação do sistema capitalista e como ele impacta o mundo, pois além de ser um movimento econômico ele é social, muda a estrutura da sociedade e como ela impacta o modelo de produção e comportamento, que vai servir de análise para os historiadores e pensadores.

3.4 A Escola dos Annales

A Escola dos Annales surge da revista “*Les Annales*” e vai revolucionar o meio historiográfico, sendo por vezes considerada um paradigma histórico, devido a sua forma de fazer História. Agora os historiadores aproximam-se das ciências sociais como sociologia, economia, geografia e psicologia e afastam-se das ciências naturais. Por esse motivo, o período inaugurado pelos Annales e os posteriores ficaram conhecidos como “Nova História” devido sua nova abordagem na historiografia.

Os Annales passou por várias gerações, tendo em cada fase grandes expoentes que se destacaram em cada uma. É importante apontar que agora, nessa nova etapa da historiografia, a história política dos grandes reis e das grandes monarquias que era feita nas escolas anteriores como na metódica e historicista Alemã, vai dar espaço para a Historiografia sociocultural, dando ênfase ao psicológico, contando a história de pessoas comuns, movimento esse inédito no meio, pois com a transformação da história em uma disciplina acadêmica, o aspecto social nos períodos anteriores era deixado totalmente de lado ou era tratado como inexistente.

Os pioneiros e considerados os fundadores da escola dos Annales são os historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre. Foram eles os responsáveis por mudar os rumos da historiografia francesa e consequentemente mundial.

A Revista Annales surgiu de um sonho antigo de Febvre. Seu plano inicial era fundar a revista com a ajuda do historiador Henri Pirenne, mas a ideia não teve êxito. Nos anos seguintes, Marc Bloch fundava a revista que foi um sucesso espontâneo. Bloch e Febvre se tornaram os editores e tinham como principal objetivo apresentar um novo olhar da História econômica e social, agora presentes no meio historiográfico.

Os Annales aderiram radicalmente a este ponto de vista simiandiano e passaram a praticar uma história-problema. A melhor teoria do método histórico dos Annales foi feita por Marc Bloch, em seu clássico “Apologia da história ou Ofício de historiador”, já mencionado, fortemente influenciado por Simiand. A “história-problema” veio se opor ao caráter narrativo da história tradicional. A estrutura narrativa da história tradicional significava isto: narrar os eventos políticos, recolhidos nos próprios documentos, em sua ordem cronológica, em sua evolução linear e irreversível, “tal como se passaram”. A história-problema veio reconhecer a impossibilidade de narrar os fatos históricos “tal como se passaram”. Por ela, o historiador sabe que escolhe seus objetos no passado e que os interroga a partir do presente. Ele reconhece que não há história sem teoria. (REIS, 2011, p. 130)

Os Annales inauguram uma nova maneira de se produzir, chamado de história-problema, saindo daquela história narrada sem interferência, apresentando o passado de maneira descritiva sem o olhar do historiador para o acontecimento. Agora ele busca os problemas no passado, estuda seu objeto de pesquisa e utiliza os métodos historiográficos, mas com a perspectiva atual do tempo em que o historiador está presente.

Os Annales começaram como uma revista de seita herética. “É necessário ser herético”, declarou Febvre em sua aula inaugural, *Oportet haereses esse* (Febvre, 1953, p.16)⁴⁶. Depois da guerra, contudo, a revista transformou-se no órgão oficial de uma igreja ortodoxa⁴⁷. Sob a liderança de Febvre os revolucionários intelectuais souberam conquistar o establishment histórico francês. O herdeiro desse poder seria Fernand Braudel. (BURKE, 1997, p.30)

Vemos que a primeira geração dos Annales, liderada por Bloch e Febvre, foi um sucesso que influenciou os rumos do meio historiográfico deixando muitos seguidores. Já a segunda geração dos Annales foi liderada por Fernand Braudel, inspirado na revista Annales. Braudel foi um importante historiador, tendo ficado conhecido pelo livro chamado *Mediterrâneo e por olhar a história com uma longa duração*, pois na história, o tempo que é o objeto de estudo através do passado, presente e futuro é sempre dividido em ciclos.

A longa duração de Braudel pode ser curta em relação aos padrões dos geólogos, mas sua ênfase do “tempo geográfico” alertou muitos historiadores, ou seja, aspectos como esse não eram priorizados no campo historiográfico e ele vem com esse alerta.

Segundo Braudel, a contribuição especial do historiador às ciências sociais é a consciência de que todas as “estruturas” estão sujeitas a mudanças, mesmo que lentas (Braudel, 1969, pp. 26 ss.). Era impaciente com fronteiras, separassem elas regiões ou ciências. Desejava ver as coisas em sua inteireza, integrar o econômico, o social, político e o cultural na história “total”. “Um historiador fiel às lições de Lucien Febvre e Marcel Mauss desejará sempre ver o todo, a totalidade do social”. (BURKE, 1997, p.38-39)

Braudel também está vinculado à história da cultura material, estudo esse feito em parceria com Febvre antes de sua morte, para documentar a história da Europa. Ele ficou responsável pela história da vida material, na qual discorreu sobre a distribuição, consumo e produção na Europa, seguindo, em sua elaboração, a vertente dos valores simbólicos.

Outro importante ponto de Braudel na segunda geração foi a criação da história quantitativa, com as análises da história dos preços, passando pela história demográfica, que levou à abordagem de uma história regional. Essa história da população só ocorreu devido ao aumento populacional, surgindo daí a necessidade de estudá-lo.

Vemos que no decorrer do tempo, nos Annales, só vai aumentando a lista de temas que passam a ser estudados. Se analisarmos o que era trabalhado em escolas anteriores como a *Metódica*, vemos como o saber histórico vai aumentando sua gama de pesquisa.

A partir da entrada da história demográfica no radar dos historiadores vemos adentrar a história regional. Um dos primeiros historiadores a produzir estudos acerca da

história social regional foi Pierre Goubert que analisou algumas regiões da França e produziu seus escritos.

A terceira fase dos Annales veio após a aposentadoria de Braudel e foi uma fase de grandes historiadores. Distinguindo-se das anteriores que tinham nomes centrais em sua condução, ela é mais plural e traz consigo grandes inovações como a entrada da mulher na revista, tendo como sua primeira escritora mulher chamada Christiane Klapisch, que vai trazer estudos acerca da história da mulher. Seus escritos tiveram a Toscana como objeto de estudo no período da idade média.

A terceira geração é a primeira a incluir mulheres, especialmente Christiane Klapisch, que trabalhou sobre a história da família na Toscana durante a Idade Média e o Renascimento; Arlette Farge, que estudou o mundo social das ruas de Paris no século XVIII; Mona Ozouf, autora de um estudo muito conhecido sobre os festivais durante a Revolução Francesa; e Michèle Perrot, que escreveu sobre a história do trabalho e a história da mulher (Klapisch, 1981; Farge, 1987, Ozouf, 1976, Perrot, 1974). Os historiadores anteriores dos Annales haviam sido criticados pelas feministas por deixarem a mulher fora da história (BURKE, 1997, p.56)

Vemos que a terceira geração vem para quebrar paradigmas e não foi somente essa mudança que chegou. Outro ponto importante foi a entrada de estrangeiros vindos dos Estados Unidos, pois muitos deles falavam e escreviam em inglês. Sua contribuição não se deu somente ao fato deles serem estrangeiros, mas sim por trazerem novas ideias e abordagens, a história da família, escolas, sexualidade, do amor, todo o campo social passa a ser investigado nessa terceira geração de historiadores.

4 PÓS-MODERNIDADE

O Paradigma Moderno é o período no qual os historiadores, no seu ofício, se utilizavam da racionalidade científica e da objetividade dos fatos. É um período muito importante para a disciplina História pois ela se consolidou como uma ciência e posteriormente como uma disciplina científica.

Vemos o nascimento de uma série de conceitos que revolucionaram e que são pilares da disciplina até hoje, como o nascimento das escolas históricas, dos paradigmas, das correntes historiográficas e de autores consagrados no campo da História, mesmo que esse paradigma e essa maneira de pensar e produzir história fosse mudando.

Os autores Pós Modernos trazem no cerne da sua discussão o ofício do historiador e sua maneira de sua produção, a subjetividade tomando o lugar da objetividade encontrada no período anterior (Moderno). A história que desde a sua consolidação científica se afasta de campos do conhecimento como a linguagem, literatura, ficção, agora tem sua retomada e começa a flertar com esses campos. Como sabemos, no período moderno, na tentativa de se consolidar os historiadores se aproximam das ciências naturais utilizando-se do seu rigor científico, razão e objetividade abandonando totalmente o diálogo com essas disciplinas.

Pós-Moderno, caracterizado pelo autor, entre outros aspectos, pela "morte dos centros" e por uma significativa perda da credibilidade nas grandes metanarrativas ou explicações totalizadoras que procuravam dar conta da história ou de outras instâncias do mundo humano. Relativamente à História, as metanarrativas mais conhecidas eram aquelas que traçavam a História como um grande movimento coerente e teleológico do Singular Coletivo - em especial a Metanarrativa Iluminista e as derivações da metanarrativa hegeliana, mas também a Metanarrativa Marxista. (BARROS, 2019, p.14)

No período anterior ao moderno vemos a universalização como um dos principais tópicos que se fez presente nos escritos históricos, bem como a busca por uma verdade universal que abarque todos em um mesmo contexto. Outro elemento que vemos que contempla até mesmo esse conceito de universalização é o uso das metanarrativas pelos historiadores, que são usadas como artifícios para explicar o mundo. Podemos apontar esses recursos até pelo contexto de querer sempre mostrar uma história universal com um fim, com uma ideia de progresso herdado ainda pelos ideais iluministas, que o homem poderia chegar em uma positividade maior podendo assim construir seu futuro.

Todavia, essas metanarrativas começam a sofrer, desacreditadas até não serem mais utilizadas, pois podemos ver que no contexto histórico que essas metanarrativas vem pra

explicar um mundo conjunto, e sem guerras, ou para explicar um sistema político e econômico ativo. Mas, com o contexto em que a Europa vivia no sec. XX, com o início de guerras e o sistema econômico em colapso, essas metanarrativas não se sustentaram.

Surge então a ideia de que a pós-modernidade introduz a “crise da ideia de progresso”. A ideia de progresso como tão bem esclarece Robert Nisbet em seu ensaio sobre a história da ideia de progresso (1985), passara a desempenhar no século XVIII um papel central na maior parte das visões de mundo desenvolvidas no Ocidente, constituindo um fator importante para a Identidade das sociedades, grupos e indivíduos (DIEHL, 2002, p.21).

Deste modo, conforme observa Alain Touraine em seu artigo "Modernidade e especificidades culturais" a crise da ideia de progresso não poderia deixar de levar à Crise da Identidade, repercutindo em setores diversos e dando origem a outras crises, tal como a Crise da Legitimidade dos Sistemas Políticos. (BARROS, 2019)

Vê-se que para a chegada da pós-modernidade pilares da modernidade começam a enfraquecer para outro paradigma chegar, já que é todo um movimento externo e interno que ocorre no contexto histórico, onde as mudanças provocadas na Europa Ocidental e no sistema econômico geram até entrar em crise. A partir disso, toda a maneira em que o historiador via e pensava o mundo por muitos anos começa a ruir.

Na modernidade vemos que a história tem o papel fundamental de contar a história do passado, que é o principal objeto de estudo do historiador, e apresentar perspectivas para o futuro na pós-modernidade, que com o avanço do capitalismo muda toda a estrutura global dos países, afetando diretamente a história.

Podemos ver que nas primeiras relações entre a história e ficção o saber histórico passa a fazer desse capitalismo na medida que tudo é algo vendável, e os pós-modernos seguem esse modelo de consumo, ou seja, eles tentam se adaptar a esse novo modelo, pois com essa globalização todos têm acesso aos escritos históricos e estudos. Então começa essa corrida para tentar se encaixar e ganhar espaço.

A Historiografia se transforma ela mesma em produto de consumo que, em alguns casos, predispõe alguns dos sujeitos produtores do conhecimento histórico a toda ordem de concessões à Grande Mídia, pulverizando seus objetos de estudo para oferecer às diferentes faixas do público consumidor o produto historiográfico de sua predileção em um novo padrão de operação historiográfica no qual por vezes se deslocam para segundo plano instâncias que até então sempre haviam sido centrais para a história, como a precisão no trabalho com a base documental ou a obrigação de se ater a enunciados verdadeiros (embora mediados pelas diversas subjetividades que o historicismo moderno e outras correntes haviam reconhecido como inerentes ao trabalho do historiador. (BARROS, 2019, p. 20)

Que a pós-modernidade é um período de oposição a modernidade já ouvimos falar, mas podemos claramente ver isso quando na pós-modernidade a historiografia tenta se adequar ao público consumidor, levando seu objeto de estudo a um padrão totalmente diferente do praticado no período passado, pois a objetividade e o rigor científico como fontes era imprescindível.

A precisão no trabalho com as fontes e a veracidade dos enunciados são elevados a um segundo plano, pois agora, com a subjetividade, o olhar do historiador é essencial, e para estar em primeiro plano, se adequando a essa realidade global, é importante apontar que na modernidade por muitas vezes a subjetividade do pesquisador era considerada uma forma mais sucinta sem fugir dos padrões científicos.

Um importante nome da pós-modernidade é o escritor Frank Ankersmit⁹, que vai publicar sua obra *Historiografia e Pós-modernismo*, que vai ser de extrema importância para entender todo o contexto historiográfico e sua mudança de paradigmas, pois ele vai começar a identificar a aproximação da história com o discurso devido as adequações temáticas da época e apresentando as noções de metáfora e representação em suas obras.

Para Ankersmith, com a chegada do discurso no campo historiográfico e sua valorização surgem os comentadores em grande escala, e são esses que começam a publicar seus textos em cima de obras clássicas, famosas, ou de determinado autor. Com o grande número de textos sobre uma obra perde-se a necessidade ou é mais atraente ler esses ensaios do que ler a obra original, o que é extremamente perigoso, pois muitas vezes a obra original é apenas um pretexto para a escrita, fazendo com que a intelectualidade fosse perdida.

O efeito mais imediato desta superprodução incentivada pela academia e pelo mercado parece ser, desta maneira, a inevitável cobertura de qualquer texto ou tema mais significativo por uma "espessa e opaca crosta de interpretações" Resumindo a primeira questão indicada por Ankersmit, "não temos mais texto, mais passado, apenas interpretações deste" (ANKERSMIT, 1989, p. 113 *APUD* Barros, 2019, p.29)

Vemos que na modernidade o discurso, juntamente com a linguagem, estão diretamente ligados de uma forma até meio anticientífica, pois com o desejo de escrever seu ponto de vista através dos discursos mesmo que com uma ideia de cientificismo ali, não obedece de maneira total as regras e métodos da história científica, deixando de lado conceitos

⁹ Frank Ankersmith é um historiador e filósofo nascido nos Países Baixos (neerlandês) em 20 de março de 1945 é um importante estudioso da Teoria da História, fez grandes contribuições na historiografia suas principais obras são (1983) *Narrative logic. A semantic analysis of the historian's language*, Den Haag, Nijhoff. (1983) *Denken over geschiedenis. Een overzicht van moderne geschiedfilosofische opvattingen*, Groningen (Wolters/Noordhoff). (2001) *Political Representation*, Stanford, Stanford/Cambridge. (2005) *Sublime Historical experience*, Stanford/Cambridge. (2007) *De sublieme historische ervaring*, Groningen, Historische Uitgeverij.

importantíssimos como conteúdo e forma, ou seja, nesse novo paradigma, questões secundárias que devem estar de apoio estão no primeiro plano de um texto, que é o caso do estilo narrativo, pois com milhares de escritores escrevendo o mesmo tema existe uma busca por quem chama mais atenção, e como já vimos, isso parte do contexto capitalista globalizado em que as pessoas estão inseridas.

O paradigma pós-moderno como qualquer outro período historiográfico vai sofrer julgamentos ou até mesmo ser negado. Seus historiadores vão sofrer críticas e para muitos a pós-modernidade não é um período histórico. Muitos acreditam que ela é apenas uma continuação da modernidade ou só negam mesmo sua existência. O próprio Ankersmith teve duras críticas sobre sua obra e teve réplicas publicadas por importantes autores da época como o Zagorin, que fez uma crítica na revista *Histoy and Theory*, aos paralelos traçados por ele sobre a historiografia moderna, o início da historiografia pós-moderna e suas implicações ao futuro (BARROS, 2019)

[...] Replico por Zagorin e com suas próprias palavras críticas, seriam respectivamente (1) a ideia de que o historiador, daqui em diante, deveria renunciar à ideia de explicação e ao princípio de causalidade; (2) a renúncia à Verdade Histórica; e (3) a redução da historiografia a uma atividade estética (ZAGORIN, 2001, p. 140).

Para Perez Zagorin, Ankelsmith abandona os princípios da historiografia moderna renunciando a verdade histórica para transformar a historiografia bonita a quem vai lê-la, sem se preocupar com a causalidade e com o princípio das evidências, pois no meio historiográfico as fontes e as evidências são utilizadas para encontrar uma realidade histórica e descobrir a verdade de certo fato histórico, ao passo em que, para os pós-modernistas as evidência são apenas para levar o autor a uma interpretação histórica, ou seja uma evidência pode ser analisada de vários ângulos e formas, determinadas apenas pelo olhar do historiador.

Os traços essenciais de uma época revelam-se apenas por contraste com um outro período, e o historiador estaria apto a apreender algo do Passado a partir das evidências precisamente no momento em que "projeta um padrão sobre os vestígios" O interesse, então, recai na interpretação, e não em algo que já existe por trás das fontes independentemente da ação do historiador. (BARROS, 2019, p.31)

Mesmo com a crítica a respeito de como os historiadores pós-modernos utilizavam suas fontes e evidências, é perceptível, de maneira clara, como esses tentam defini-las a partir do seu período histórico, pois existe o distanciamento total do período histórico e da maneira que aquelas fontes vão ser tratadas na pós-modernidade, ou seja, eles não tem o desejo de retratar apenas uma narrativa de um fato, mas sim tentar entender aquele fato histórico através

das evidências, contextualizando com o mundo atual e dialogando o melhor discurso a ser mostrado para o mundo.

A perspectiva proposta por Duby, enfim, aponta para a possibilidade de construir a História através do não dito, do que foi suprimido (intencionalmente ou não), do detalhe, do que teria parecido irrelevante para uma época, mas que se torna revelador para outra. Extrair conclusões de um silêncio, por fim, introduz o historiador diretamente em uma perspectiva de interação com as fontes, já que não é possível simplesmente buscar uma verdade escondida atrás de um silêncio, sendo necessário fazer incidir uma pergunta, um padrão sobre este silêncio para que ele fale a uma outra época e revele traços que a própria época histórica examinada não percebeu sobre si mesma, não quis perceber, ou buscou suprimir, seja a partir dos caminhos intencionais, involuntários, conscientes, ou inconscientes.(BARROS, 2019, p.31)

Para os pós-modernistas a história não pode ser universal e adotar o método do objetivismo, pois ela varia juntamente com suas evidências, já que os detalhes de uma época podem passar como irrelevantes aos olhos de outro pesquisador. Isso pode revelar inúmeras possibilidades de estudos, pois agora a subjetividade de cada pesquisador é levada à primeira instância.

Se anteriormente com algumas escolas históricas e períodos era relevante as evidências para apresentar a história de reis ou o uso de metanarrativas para explicar o mundo, agora vai se estabelecer um padrão e os pesquisadores vão adentrar camadas mais profundas revelando assuntos outrora reprimidos.

Na pós-modernidade vemos a aproximação da historiografia que outrora havia perdido o diálogo no período de sua consolidação como disciplina acadêmica e como ciência. Uma delas é a literatura no período atual, pois vemos a retomada do diálogo entre as duas com várias ferramentas como a linguagem e os discursos, questão essa alvo de muitas controvérsias no meio historiográfico, pois existem muitas críticas entre esse diálogo, já que muitos viam essa aproximação como uma tentativa de limitar a história ao discurso ou em uma simples experiência estética.

A historiografia tem seus próprios métodos e regras normativas e essa legitimação do discurso abre espaço para uma possível dissolução da realidade, pois agora o que é oficial para esses grupos é a subjetividade de cada pesquisador e não a realidade concreta, física ou material.

É também nesta mesma direção que Pierre Vidal-Naquet, em um dos ensaios de Assassinos da memória, publicado em 1987, já deixava registrada a sua crítica às correntes historiográficas que trabalham com a redução do texto histórico ao Discurso, e que rejeitam a ligação de uma obra com um referente externo que deve ser considerado. Este segundo aspecto, aliás, permite entrever que "consciência da narratividade", em seu aspecto negativo, abre dois caminhos para o descrédito da

História como possibilidade de construir significativamente uma referência ao real vivido. (BARROS, 2019, p. 60)

São inúmeras as críticas da aproximação entre linguagem (discurso) com a historiografia. Vários historiadores respeitados teceram críticas a essa relação, como Roger Chartier e Pierre Vidal-Naquet que criticava diretamente todas correntes historiográficas que tentavam encaixar a narrativa histórica somente ao discurso, pois poderia ameaçar a realidade vivida e até questões de credibilidade dos textos históricos.

É importante destacar que essa ligação entre a historiografia e o discurso e a rejeição por alguns historiadores vai levar a uma crise na história chamada crise do Referente, pois em toda tradição histórica um referente externo ao pesquisador sempre esteve presente. Vê-se que essa mudança drástica no período pós-moderno existe também em outras vertentes que levaram a essa crise do referente, como os que acreditam que todas as narrativas modificam o que de fato vai ser narrado.

A Crise dos Referentes está longe de se ver resolvida, e talvez uma contribuição importante da historiografia recente tenha sido trazer para plena consciência do historiador a dimensão narrativa, e mesmo estética, que integra todo texto e toda produção historiográfica. Todavia, longe de se deixar conduzir à inação e à dissolução de sua própria disciplina, a historiografia e a filosofia da história têm oferecido nos tempos recentes - e a já discutida obra de Paul Ricoeur é apenas um dos vários exemplos - contribuições para assimilar esta "consciência da narratividade" sem sacrificar os patamares que permitem relacionar a História não meramente a uma ficção, mas a materiais historicamente circunstanciados e que fornecem efetivamente uma base ao historiador e ao leitor de história que podem trazer ao texto historiográfico a legitimidade, se não de uma ciência (o que não está descartado), ao menos de uma prática "cientificamente conduzida". (BARROS, 2019, p.61)

O pleno conhecimento desses desafios no campo historiográfico, a tomada de consciência a respeito dessas questões acerca da narrativa e como ela pode interferir em uma obra científica e histórica, e muitas vezes até questões estéticas são levadas em patamares mais profundos do que os próprios métodos tradicionais da produção do conhecimento científico, mas soluções já estão sendo apontadas para a superação desses desafios para sempre colocar a história como um estudo conduzido cientificamente.

A maneira de se produzir a historiografia vem mudando ao longo dos anos, desde sua consolidação com o rigor científico e métodos históricos, mas como o conhecimento não é estático, mas sim rolante, a cada período novas maneiras vão surgindo para a produção do conhecimento científico.

É importante destacar que essas técnicas vão passando de um período para o outro, e não são interrompidas no fim de um ciclo, por isso existem muitas perguntas acerca do

tempo e do que pode ser definido como um período, um paradigma ou até uma corrente histórica, pois em um período pode ter leves características metodológicas de outro, como podemos apontar na passagem do moderno para o pós-moderno.

Podemos ver a definição da produção científica para o importante Estudiosos Magnus Enzenberger.

A História, de acordo com a concepção de Enzenberger, é por ele entendida como um "romance coletivo", e por isso ele buscará uma forma literária inteiramente inovadora que incluirá como materiais centrais os depoimentos resgatados através da História Oral, mas também utilizando a documentação escrita de época de tal maneira disposta que, em contraposição recíproca e liberada em diversos momentos da interferência da análise do historiador, também logra contribuir para trazer à tona a pluralidade de vozes que irá compor a visão coletiva. (BARROS, 2019, p.74)

Vemos na obra de Enzenberger como ele trata a produção científica historiográfica e como ele a denomina um romance coletivo, pois, para ele, descrever um objeto de estudo é uma pluralidade de vozes que vêm à tona. Para ele, na produção deve ter os relatos orais, como as fontes documentais, para dar início às análises dos objetos de pesquisa, para que só então essas pluralidades possam ser ouvidas.

Ainda para Enzenberger, nesse mundo de produção tanto a poesia quanto o humor podem estar atrelados ao gênero literário da escrita histórica. Ele utiliza desses métodos em seu texto e uma justificativa para a inserção desses gêneros seria que existem tantas histórias espetaculares, como podemos dar exemplo de um grande herói de uma comunidade tradicional, que para contar a história dele ela não poderia ser feita de qualquer maneira mas sim através de uma grande narrativa.

Na modernidade vemos uma tentativa de uma história geral, total e universal, além da busca de uma pesquisa por algo que possa ligar o saber historiográfico a algo maior, que possa fazer com que todos, ao lerem um texto historiográfico, possam entender e possam ter dimensão do ofício do historiador na pós-modernidade.

Mais uma vez vemos a pesquisa ser feita de outra maneira, modificando os rumos do saber histórico. Com a fragmentação deste agora vemos múltiplos temas sendo debatidos, perdendo-se essa ideia de unificação de um tema, e de que um mesmo objeto de pesquisa pode ser estudado por partes específicas, não de forma geral, pois fica a cargo do pesquisador esse olhar para o tema como agora sugerem as historiografias parciais.

De alguma maneira, a História teria voltado a ser objeto para colecionadores de temáticas por vezes de problematizadas, tal como na história antiquária que havia sido tão condenada pelos próprios fundadores dos Annales, nos anos de 1930. Esta é a

crítica de François Dosse aos historiadores franceses que, à altura de 1987 - ano em que seu livro é publicado dominavam institucionalmente os principais meios de produção, editoração e difusão historiográfica a partir do insistente discurso de herança e continuidade em relação ao projeto original dos Annales. (BARROS, 2019, p.36)

Sobre a fragmentação da História, um de seus principais críticos foi o historiador François Dosse, em seu livro “A História em Migalhas”, em que vai tratar sobre toda essa questão da perda e da busca de uma história total. Na nova maneira de produzir a historiografia de forma fragmentada, ele tece muitas críticas à terceira geração dos Annales, responsáveis pela *Nouvelle Histoire*, ou seja, agora existe uma quebra na escola dos Annales e dos métodos antes seguidos na construção do saber histórico.

Dosse critica de maneira dura essa nova geração de pesquisadores, pela existência de milhares de novos objetos de pesquisa, fazendo com que a Revista e até a própria história perca sua identidade. A maior crítica aos Annales é a respeito da história temática de colecionadores chamada de “Antiquaria” antes condenada por seus fundadores.

Ao abordar o contexto que teria favorecido a pulverização historiográfica encaminhada por historiadores da *Nouvelle Histoire* nos anos de 1980, François Dosse denuncia as concessões à Mídia, ávida por objetos fáceis, superficiais, curiosos, por vezes esdrúxulos, mas de todo modo brilhantes como lantejoulas prontas a assegurarem uma fatia significativa do mercado editorial midiático. Ao aceder ao apelo e imposições da mídia por transformar a História em uma fábrica de mercadorias historiográficas de consumo, os Annales estariam dando encaminhamento a um Projeto conservador de falsa assimilação das diferenças, já que o resultado final da apresentação de uma miríade de objetos curiosos para o mercado de consumo seria a superposição de diferenças desconectadas entre si e sem relação a um centro, que não existiria. (BARROS, 2019, p.37)

Na pós-modernidade tem-se a aproximação da história com antigas disciplinas que já se teve contato e vemos uma aproximação da história com a ficção e literatura, utilizando-se de narrativas subjetivas. Vemos ainda a aproximação com as mídias e com seus principais interesses de divulgações, o que é prejudicial ao ofício do historiador, pois agora existe a necessidade de satisfazer esses desejos midiáticos deixando a história sujeita às imposições das mídias para divulgar os escritos.

Nesse contexto, só seriam produzidos muitos materiais superficiais, deixando de lado um referente maior da historiografia, ou seja, ela seria elevada para categorias, para falar para grupos específicos, pois se determinado grupo midiático tem como audiência a elite os historiadores precisam se adequar aquela audiência específica.

Sobre a questão de escrever para grupos específicos podemos denominar essa corrente da historiografia como “histórias plurais”, uma corrente muito importante do pós-

modernismo. O autor responsável por esse conceito é Ciro Flamarion Cardoso, que fez uma extensa análise da chamada história setorizada, que são representadas por grupos sociais de lutas e minorias como negros, gays e feministas.

Todo este contexto de grandes desilusões contemporâneas em relação a uma história-efetiva que trouxera totalitarismos e esperanças traídas, bem como tecnologias voltadas não apenas para o bem-estar humano, mas também para a manipulação das massas e para a destruição em massa, vira-se acompanhado no plano intelectual pelo fenômeno que se convencionou chamar de "morte dos centros. (BARROS, 2019, p.38)

Com todas esse rebuliço, a não aceitação da Europa como centro do mundo e o local que todo mundo deveria seguir como exemplo de sociedade, todas as suas grandes metanarrativas foram ruindo em um movimento chamado morte dos centros, em decorrência da Europa falir como o grande centro cultural e social do mundo.

Com a chegada desses grupos de lutas de classes com grandes críticas a centro Europeu, toda a conjectura do saber histórico vai passando por mudanças, pois agora a historiografia não é dos grandes reis, países e figuras emblemáticas, mais sim de pessoas comuns de pequenas regiões do mundo. Agora a historiografia é plural.

A parcelarização da História em uma pluralidade de histórias que se voltam para as várias identidades localizadas é de certo modo mais uma resposta à crise da História Total. Mas devemos nos perguntar se ela resolve a crise, ou se apenas encaminha uma nova crise. De fato, esta segunda fragmentação da História, não mais em migalhas temáticas - para retomar a expressão celebrizada por François Dosse -, mas agora em "histórias plurais", também traz desconexão, perda de sentidos. (BARROS, 2019, p.39)

A parcelarização em oposição a história total é muito forte nos pós-modernidade, herança promovida pela última geração dos Annales, mas existe outras formas de mudança que adentram na historiografia, que são as chamadas interdisciplinaridades fragmentadas, pois agora o campo das historiografias em seus escritos vai estar estreitamente ligado à disciplinas como a Sociologia, Economia e Geografia entre outras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste presente trabalho conhecemos o ofício do historiador e como ele desenvolve seu trabalho a partir de seu objeto de estudo e pesquisa. Vimos a importância de conhecer as teorias e métodos da teoria da história, pois um trabalho de qualidade só pode ser feito através do conhecimento da área, daí a importância da análise e estudo do tema para compreender esse universo.

Para o historiador, desde a escolha do tema é exigido foco e dedicação, para produzir o conhecimento científico escolhendo fontes seguras que podem ser encontradas em vários locais como bibliotecas, acervos digitais, entre outros, fazendo um bom recorte dessas fontes para começar a analisar seu objeto.

O estudo das escolas historiográficas e dos paradigmas da história é essencial, pois se um pesquisador não tiver consciência do universo em que está inserido ele vai ficar perdido. A partir do conhecimento da área podemos seguir vários rumos e enveredar vários caminhos de forma legítima e científica.

Vimos como a história era produzida em cada período e a importância desta, bem como do ofício do historiador na sociedade, pois a maneira como ele desenvolve e conta a história muda o curso da humanidade.

Foi perceptível ainda a importância da história na formação do Estado-nação alemão, pois é a partir do conhecimento das escolas históricas e suas afinidades que podemos interpretar e ver o mundo de várias maneiras.

Vimos como a história vai mudando e se complementando, pois a cada novo período ou paradigma ela vai sofrendo alterações, mas sempre em uma linearidade no rigor científico, desde a objetividade nos seus primórdios e consolidação como disciplina científica, passando pela universalização da história.

Viu-se ainda a história indo pro lado mais subjetivo na pós-modernidade, focando na subjetividade do historiador e sua relação com o objeto de pesquisa. Presenciamos a retomada e flerte das histórias com área antes excluída, assim como a Arte, Literatura, Ficção entre outras.

Este trabalho proporcionou um mergulho na Historiografia através do estudo do paradigma moderno com todas suas escolas históricas, a partir do conhecimento de suas particularidades, influências e propostas de como produzir o conhecimento histórico, além de apontar para a pesquisa do período pós-moderno e como ele vem rompendo padrões no meio

historiográfico, apresentando uma nova ideia de produção a partir do diálogo com outras disciplinas e também da inserção da subjetividade.

Portanto, o presente trabalho é de suma importância para todos que querem entrar no meio historiográfico ou para aqueles que querem apenas conhecer a área, pois traz um histórico de toda a disciplina, elencando os principais pontos de cada escola histórica, bem como apresentando um panorama do período moderno e pós moderno, além de apontar o processo de mudança na produção da historiografia e como ele vai mudando em cada período, mostrando a importância de conhecer as mudanças as particularidades no processo de entender e conhecer a teoria da história.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. As origens da pós-modernidade. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor**, 1999.
- ANKERSMIT, Frank R. **Historiografia e pós-modernismo**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 2, p. 113-136, 2001.
- BARROS, José Costa D.'Assunção. **A Escola dos Annales: considerações sobre a História do Movimento**. Revista Eletrônica História em Reflexão, v. 4, n. 8, 2010.
- BARROS, José D.'Assunção. Escolas Históricas—discussão de um conceito a partir de dois exemplos principais: a "Escola Histórica Alemã" e a "Escola dos Annales". Esboços: histórias em contextos globais, v. 17, n. 24, p. 7-36, 2010.
- BARROS, José D.'Assunção. **História e pós-modernidade**. Editora Vozes Limitada, 2019.
- BLOCH, Marc. **Apologia a História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. Publicações Europa-América, 1983.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**. Unesp, 1997.
- CANABARRO, Ivo dos Santos. **Teoria e métodos da história I** – Ijuí : Ed. Unijuí, 2008. – 98 p. – (Coleção educação a distância. Série livro texto).
- DE ABREU PENNA, Lincoln. **O progresso da ordem: o florianismo e a construção da República**. Editora E-papers, 1997.
- DE ALMEIDA MAXIMO, Mário Motta. **A Guerra dos Métodos: A visão da Escola Histórica Alemã**. A tipologia da consciência histórica em Rüsen Fernando Milani Marrera* Uirys Alves de Souza** Revista Latino-Americana de História Vol. 2, nº. 6 – Agosto de 2013 – Edição Especial. PPGH-UNISINOS
- DOSSE, François. **História em migalhas: dos Annales à Nova História**. Tradução Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Ensaio, 1994.
- GIANNATTASIO, Gabriel (org.) **Epistemologia da história: verdade, linguagem, realidade, interpretação e sentido na pós-modernidade**. Londrina; Eduel, 2011.
- LEVI, Giovanni. **O TRABALHO DO HISTORIADOR: Pesquisar, Resumir, Comunicar**. Revista Tempo. Rio de Janeiro. 2014..
- LIMA, Wallas Jefferson; SILVA, Edson Santos. O Percurso da Micro-história Italiana: Propostas, Perspectivas e Singularidades. **Revista de História da UEG**, v. 2, n. 2, p. 194-199, 2014.

MATOS, Júlia. A perspectiva histórica: condições, perspectivas e a formação profissional do historiador. 2015.

MAUAD, Ana Maria. **Teoria da História. v. 2** / Ana Maria Mauad, Lucia Grinberg - Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

REIS, José Carlos. O lugar da teoria-metodologia na cultura histórica. **Revista de Teoria de História. Universidade Federal de Goiás–UFG, Ano**, v. 3, 2014.

SANTOS, Paulo Cesar dos. **Teoria da história e historiografia**. Indaial : UNIASSELVI, 2016.

TEIXEIRA, Felipe Charbel **Metodologia da Pesquisa Histórica** : v. único / Felipe Charbel Teixeira, Henrique Estrada Rodrigues, Pedro Spinola Pereira Caldas, Rodrigo Turin - Rio de Janeiro : Fundação CECIERJ, 2014.

VICO, Denis S. de Mello; Manuella Riane A. Donato. **O PENSAMENTO ILUMINISTA E O DESENCANTAMENTO DO MUNDO**: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático: Revista Crítica Histórica. Ano II, Nº 4, Dezembro/2011.

WULF, Andrea. **A invenção da natureza : a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt**. Tradução Renato Marques. - 1 .ed. - São Paulo : Planeta, 2016.